



A televisão de 1970 e a de 2010: como assistimos aos jogos da Copa do Mundo de Futebol¹

Santiago Naliato GARCIA²
Universidade Estadual Paulista, Bauru-SP

RESUMO

Em 1970 foram transmitidas pela Embratel as primeiras imagens em cores na televisão brasileira, em caráter experimental. O fato veiculado? A Copa do Mundo de Futebol. Dois anos depois, em Caxias do Sul-RS, o então ministro das comunicações, Hygino Corsetti, caxiense, inaugurou oficialmente a TV em cores no Brasil. Da Copa de 1970 até a Copa de 2010 temos 40 anos de grandes avanços tecnológicos, sobretudo no campo das transmissões televisivas, com a transmissão em alta definição digital; entre estas extremidades, a mesma crescente audiência. Este artigo pretende pensar sobre o desenvolvimento da tv e das narrativas dos jogos neste cenário. Para isso, iniciaremos com uma reflexão sobre o meio, sua origem, fundamentos e aperfeiçoamentos, para, brevemente, comentarmos as inovações das Copas das décadas de 70 e de 2010.

PALAVRAS-CHAVE: Televisão; Televisão Digital; Alta Definição; Copa do Mundo

OS MECANISMOS DE REPRESENTAÇÃO

A busca do ângulo perfeito. Se é isso o que um jogador de futebol faz em campo em uma Copa do Mundo para o tiro certo no gol adversário e emplacar mais um grito de gol de sua nação, há toda uma equipe técnica das emissoras de televisão do lado de fora do gramado buscando exatamente a mesma coisa, mas por um ângulo diferente. Se a prensa de Gutenberg e a Biblioteca Azul pleitearam prevalecer sobre a cultura oral, em determinado momento da história da humanidade, pode-se dizer que, em 2010, as imagens calam a fala. Para uma pequena parcela sócio-econômica privilegiada da sociedade brasileira, assistir aos jogos de futebol da Copa do Mundo deste ano é uma experiência equivalente a percebida até então apenas pelo cinema; as imagens apresentadas, em alta definição, seja em 720³

¹ Trabalho apresentado no GP Televisão e Vídeo do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Jornalismo da FAAC-UNESP. Email: santiagarcia@gmail.com.

³ São os sistemas de vídeo em Alta Definição mais usados atualmente: o Alta Definição 1280x720 linhas e o chamado Full HD (Hi Definition – Alta Definição) com 1920 x 1080 linhas. Algumas emissoras transmitem em full HD, como a ESPN, via assinatura SKY. A NET Digital transmite em 720 linhas



linhas ou em 1080p linhas, são de uma riqueza de detalhes vistas antes apenas em cinemas modernos ou em exposições experimentais.

Essa busca por melhores mecanismos, formas e linguagens de representação não é nova, e permeou um grande número de gerações de artistas e inventores, por todos os continentes e culturas. Um dos grandes movimentos que teve êxito na reinvenção da Arte, o Renascimento, bem trabalhou o ponto-de-fuga como característica inovadora, colocando o observador da arte fora do quadro da experiência. É visível que, desde os mais remotos tempos e utilizações de mecanismos de representações, o olho do observador quer liberdade e controle:

A autoridade do olhar se amplia através de toda uma coleção de dispositivos técnicos. O livro, o teatro e a pintura do Renascimento possibilitam o aparecimento do ponto-de-vista particular, imóvel, fixo, que ortoga ao olho do sujeito da observação um domínio sem precedente. (...) O ponto-de-vista da perspectiva investe civilizatoriamente a consciência individual do sujeito no Ocidente com tal força que não demora a esquecer sua artificialidade: ele é de fato um artifício, uma manipulação ilusória, assim como o ponto-de-vista literário, que o escritor usa para realçar certos efeitos pré-determinados. Mas a perspectiva é um advento triunfante em termos de poder: suas técnicas asseguram as concepções estratégicas, as conquistas, a admiração dos diferentes espaços (SODRÉ, 1994, p. 18).

O dispositivo televisivo, que tanto o conhecemos hoje, teve, em 1939, no Brasil, sua primeira transmissão. Ela foi realizada em circuito fechado, durante a Feira Internacional de Amostras na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Na época, o Rio era a capital do país. Os equipamentos utilizados eram todos de origem alemã (ALENCAR, 2007).

A televisão no mundo surgiu pouco antes, na primeira metade do século XX, em meados da década de 20. Nasceu mais ou menos na mesma época que o cinema falado, sendo considerado um tipo especial de “rádio” que ganhou imagem sincronizada, da mesma forma que o cinema mudo ganhava som sincronizado (MACHADO, 1995, p. 13). Seja com a TV ou o cinema falado, o encantamento pela telinha ou pela telona, com suas representações e experiências narrativas, perdura até os dias de hoje.

Para Sodré (1994), o progresso técnico-científico, acompanhado por uma euforia, tem poder intensificador dos efeitos de demonstração, transmitindo-os ao nível da superfície das relações humanas:

A ordem da televisão ou macrotelevisão, isto é, o império dos processos de reprodução elétrica de informação e imagens, advém do momento exato de

apenas.



esgotamento da força dos modelos clássicos de representação. Na realidade, a “nova ordem” - o macrossistema televisivo – começa muito antes do surgimento da técnica eletrônica definida como “televisão” (o microsistema técnico): sua base psicossocial se estabelece com o fortalecimento do domínio visual e dos processos mecânicos de reprodução, paralelos às novas formas de urbanização (SODRÉ, 1994, p. 25).

TELEVISÃO, MEIO E MENSAGEM

Se o desenvolvimento de novos mecanismos, técnicas e linguagens decorrem não apenas da capacidade e necessidade humana de realizar e exteriorizar suas expressões, mas também são construídas a partir das ferramentas e condições sócio-econômicas e culturais criadas pelo homem, seja a partir da necessidade técnica, seja a partir dos aperfeiçoamentos experimentais, em algum momento ela será aplicada e revertida para exposição pública. Desde sua criação e popularização, a televisão ganha, a cada dia, mais e mais espectadores. A lógica desse consumo, que muitas vezes se sobrepõe ao consumo de serviços essenciais à manutenção da própria vida⁴, ainda é debatida por grandes comunicadores, sociólogos e antropólogos.

A televisão que temos no Brasil, de transmissão terrestre, generalista, está presente em 95,2% dos municípios brasileiros, mais até mesmo do que instrumentos de suma importância para a cultura, como as bibliotecas, presentes em 89,1%. Os dados são do IBGE⁵: Essa porcentagem representa um país que, literalmente, se vê na televisão. Nela, perfis, cultura, informação, entretenimento e comoção são repartidos entre todos, independentemente de classe social, cor, credo ou descendência: no Brasil, quase 100% dos lares têm ao menos um aparelho de televisão. Para os meios de comunicação, alcançar praticamente todas as casas, pessoas e segmentos da sociedade equivale a uma penetração de mercado sem igual. Mesmo em eventos esportivos, como a Copa do Mundo, evento quadrianual realizado pela Federação Internacional de Futebol Associado, a FIFA, as transmissões, ao vivo, visam a alcançar essa penetração e a trabalhar os aspectos mercadológicos uma vez que toda a geração de imagens e divulgação são exclusivas da FIFA. A concessão às demais emissoras do mundo são realizadas sob contrato.

⁴ Relatado pelo Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento – PNUD – de acordo com o qual cerca de 163 milhões de brasileiros tinham acesso à TV em cores, enquanto 123 milhões tinham acesso ao esgoto adequado no ano base de 2005. Disponível em:

<http://www.pnud.org.br/saneamento/reportagens/index.php?id01=2635&lay=san>. Acesso em: 24/12/2009.

⁵ Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=980. Acesso em: 13/02/2009.



Essa televisão que tanto atrai cada vez mais espectadores, está no topo da lista em se tratando de presença no cotidiano de nossa cultura. Representa a incorporação tanto de todas as técnicas de reprodução da modernidade quanto uma síntese dos costumes do nosso povo em relação a sua organização da vida social em termos de simultaneidade e de novidade, invadindo, com projetos de absorção, o campo existencial do espectador e oferecendo-lhe um espaço e um tempo simulados (SODRÉ, 1994).

Temos, sobre este meio de comunicação, uma linha do tempo que vai desde o desenvolvimento dos primeiros aparelhos de varredura baseados no tubo de raios catódicos de Braun, destinados a transformar em sequência eletrônica as imagens em movimento, até as novíssimas TVs em 3D, já questionadas e pensadas como um avanço que pode ser rapidamente substituída pela holografia. O recorte que este autor propõe em sua dissertação de mestrado compreende as décadas de 1970 e de 2010, sem detalhar o período entre elas, mas claro, mantendo-se atento a toda e qualquer aspecto que se faça necessário relatar.

Antes de adentrar nesses períodos e em seus contextos, é necessário compreender um englobante do meio televisivo, que se refere à determinados modelos (estatal europeu e o liberal norte-americano), mas cuja problemática de mudança concentra-se em fatores comuns às televisões de maneira geral: a mudança técnica e sua multiplicação e diversificação de canais; mudança política, com a privatização e desvinculação do Estado; mudança econômica, com a constituição de grandes grupos; mudança de público, que exige cada vez mais imagens (WOLTON, 1994).

Tais mudanças levam a pensar, novamente, o papel e a função da próprio dispositivo televisão:

O que é, fundamentalmente, a televisão? Imagens e vínculo social. O entretenimento e o espetáculo remetem para a imagem, isto é, para a dimensão técnica. O vínculo social remete para a comunicação, isto é, para a dimensão social. Tal é a unidade teórica da televisão: associar duas dimensões, técnica e social. (...) A ideologia técnica sobrevaloriza o papel do instrumento; a ideologia política, inversamente, sobrevaloriza o papel que podemos fazer desempenhar à televisão (WOLTON, 1994, p. 15).

Tais apontamentos nos levam a um âmbito do áudio visual repleto de novas dimensões técnicas, políticas, econômicas e de audiência que reconstituem, a todo momento, o *corpus* social do espectador. Wolton ainda demonstra insegurança sobre os



efeitos que as imagens causam, derivados das condições de sua recepção por um público anônimo: “A televisão é um *medium* de imagens muito particular, cujas condições de sua recepção por um público anônimo tornam mais incertas as condições de interpretação, difíceis de analisar na imagem animada” (WOLTON, 1994, p. 71).

Essa imagem animada remete, indissociavelmente, a um contexto sócio-cultural, e implica na elaboração e modificação das representações do mundo. Ainda para Wolton (1994), são necessários estudos sobre os laços entre imagem e contexto social, e, de modo geral, sobre a imagem da televisão. “Por que razão se vê muitas vezes na imagem aquilo que escapa ao *socius* ou o que – e é a mesma coisa – o manipula?” (WOLTON, 1994, p. 78), questiona o autor. E se essas imagens, tão intrinsecamente ligada às representações do mundo, com seus laços entre imagem e contexto social, forem via transmissão direta, ao vivo, naquela que é a forma mais autêntica do dispositivo televisivo?

A TELEVISÃO NAS DÉCADAS DE 1970 E 2010

21 de junho de 1970: dia da primeira transmissão em cores no Brasil de uma partida de uma final de Copa do Mundo. Mesmo para um público restrito, e em caráter experimental, a transmissão realizada pela Embratel obteve êxito. 21 de junho de 1970, 17 minutos do primeiro tempo: o primeiro gol em cores é dele, do Rei Pelé. Embora o dispositivo televisivo no Brasil da década de 70 fosse de transmissão preto e branco, já havia transmissão em cores na Europa. Mas é desde este tempo, no que se refere às muitas das técnicas e elaboradas narrativas futebolísticas, que o formato hoje apresentado tem suas influências e origens.

Não apenas pela TV, nas décadas do pós-guerra, era comum ir ao cinema para ver aos cinejornais, que muitas vezes transmitiam jogos de futebol em cores, semanas depois das partidas. Um exemplo de grande sucesso é o Canal 100, um dos Cinejornais de maior sucesso no Brasil. Por trás desse veículo, grandes nomes, como o de Carlos Niemayer, deram origem a toda uma narrativa e série de melhoramentos que possibilitou a “presença” dos espectadores dentro do gramado, ao lado de seu jogador favorito:

Os recursos eram dos mais variados, o close no jogador que acaba de perder o gol; a cabeceada vista na câmara lenta, onde até as gotas de suor eram registradas; um passeio pela lateral do campo acompanhando o jogador; as várias câmaras



espalhadas por todo o estádio. Mas se engana quem pensa que o jogo era o único foco do espetáculo cinematográfico proporcionado pelo Canal 100. As imagens da torcida eram grandiosas, gestos, olhares, gritos, enfim toda uma série de expressões capazes de emocionar o público que se tornava parte do espetáculo (MAIA, 2007).⁶

Se o cinema e seus cinejornais serviram como ponto de partida para as narrativas coloridas dos jogos de futebol no Brasil, são inquestionáveis suas influências na maneira com que a televisão passou a narrar uma partida mesmo nos dias de hoje. Naquele tempo, as câmeras coloridas traziam para a tela branca imagens com melhor qualidade do que àquelas transmitidas em cores nas TVs espalhadas pelo mundo. Na Copa do México, a grande novidade foi a transmissão em cores e ao vivo das partidas de futebol: o mundial de 1970 foi o primeiro evento esportivo da FIFA transmitido com essas qualidades mesmo que para um grupo seletivo de países mais desenvolvidos. No Brasil, estima-se que um público de, aproximadamente, 25 milhões de espectadores assistiram, ao vivo, às partidas. Este número correspondia, na época, a um quarto dos lares brasileiros (ALENCAR, 2007, p.32). Em outros tempos, o aparelho de comunicação que mais esteve presente nas casas e no âmbito familiar fora o rádio, com o equivalente a 88,4%⁷.

Sobre a constituição da estrutura de transmissão da televisão de décadas atrás, Zufo (2003) explica:

Há quarenta anos, o Brasil foi capaz de criar um padrão próprio de TV analógica com uma capacidade e quantidade de engenharia muito inferior à existente atualmente no país. Naquele instante, houve condições de, simultaneamente ao que ocorria no resto do mundo, propormos padrões e, mais do que isso, de desenvolvermos uma indústria de TV analógica única no mundo. Para se ter uma idéia, em apenas 4 meses, um punhado de engenheiros na década de 60 redesenhou o padrão PAL-M a partir do sistema PAL europeu, padrão este utilizado até hoje (ZUFO, 2003)⁸.

Embora a Embratel tenha realizado transmissões em cores experimentais durante a Copa de 70, a massa viu os jogos em preto e branco. O início oficial das transmissões em cores sob o território brasileiro foi realizado no dia 19 de fevereiro de 1972, em

⁶ Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/antiores/edicao07/materia01>>. Acesso em: 20/04/2010.

⁷ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – com análises comparativas de longo período. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL764514-9356,00-FOGAO+GELADEIRA+E+TELEVISAO+PREVALECEM+NOS+LARES+BRASILEIROS+REVELA+PNAD.html>. Acesso em: 27/03/2010.

⁸ Disponível em: <http://www.lsi.usp.br/interativos/nem/tv_digital.pdf> Acesso em: 01/06/2010.



Caxias do Sul-RS, durante a tradicional Festa da Uva de Caxias. A festa foi inaugurada pelo então presidente do Brasil, Garrastazu Médici; na sequência, o então ministro das Comunicações, Hygino Corsetti, caxiense, inaugurou a TV em cores. O sistema PAL-M foi desenvolvido na Alemanha pela Telefunken, após estudos realizados pela Universidade de São Paulo – USP, a pedido do governo da época. Naquele tempo, não apenas o desenvolvimento dos sistemas demandava altos investimento, mas também a atualização técnica das emissoras: enquanto uma câmera que reproduzia apenas preto e branco custava US\$ 25 mil, a colorida era cotada em US\$ 150 mil (ALENCAR, 2007). A partir deste período inicial da implantação do novo sistema até a popularização da transmissão em cores e da produção de conteúdo, as emissoras de todo o mundo foram, pouco a pouco, aumentando sua audiência em cores.

Da década de 70 até o ano de 2010, passamos por diversos aperfeiçoamentos dos aportes tecnológicos e até o aparecimento de novos e até então impensáveis: o celular como aparelho de TV. Neste período de 40 anos, a grande mudança no tradicional sistema de televisão que pode ser posta em paralelo à transformação do preto e branco em cores foi, talvez, a implantação do sistema digital de transmissão dos sinais das emissoras. O decreto nº 5.820⁹, de 29 de junho de 2006, dispôs sobre a implantação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre, o SBTVD-T. No decreto, se estabeleceram diretrizes para a transição do sistema de transmissão analógica para o sistema de transmissão digital do serviço de radiodifusão de sons e imagens e do serviço de retransmissão de televisão.

Entre as principais propostas e desafios ali formalizados, destacaremos três, que acreditamos serem a base de toda problemática atual a ser enfrentada: a transmissão digital em alta definição (HDTV) e em definição padrão (SDTV); a transmissão digital simultânea para recepção fixa, móvel e portátil e a interatividade. Sobre esta última, inúmeros trabalhos estão sendo realizados no intuito de colaborar com o complexo desenvolvimento técnico e mercadológico, alguns, voltados para aquilo que o decreto nº 4.901¹⁰, de 26 de novembro de 2003, que instituiu o Sistema Brasileiro de Televisão Digital, o SBTVD, e que destacou como finalidade a alcançar: a inclusão social, a diversidade cultural e a língua pátria por meio do acesso à tecnologia digital, visando a democratização da informação.

⁹Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5820.htm>. Acesso em 01/06/2010.

¹⁰Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4901.htm>. Acesso em: 01/06/2010.



Como o objetivo do presente artigo é realizar algumas reflexões com base nas características estéticas de linguagens decorrentes dos aperfeiçoamentos tecnológicos nos dois momentos propostos como recorte, focaremos, dentre as propostas contidas nestes dois decretos, na questão da alta definição de imagem, novidade nas transmissões brasileiras que apostam nos jogos da Copa para sua popularização. A transmissão em alta definição digital (HDTV – *Hi Definition TeleVision*) só é viável graças aos modelos de transmissões digitais desenvolvidos em todo o mundo. Cada bloco macroeconômico mundial elaborou o seu e tende a englobar novos países para a utilização do seu sistema. Esse esforço tem ganhado fôlego a partir da década de 90, quando algumas inovações foram introduzidas graças aos estudos na área da telecomunicação digital.

Foi um caminho de constantes avanços tecnológicos até se chegar ao HDTV, tão falado atualmente pelas grandes emissoras de TV que detêm as concessões para transmitirem sua programação. Em 1948, quase dez anos depois da primeira transmissão, em caráter experimental, da televisão brasileira, foi realizada outra transmissão, em Juiz de Fora, Minas Gerais. O fato transmitido, na época, foi a comemoração do centenário da cidade: um Congresso Eucarístico e uma partida de futebol, realizada no município, entre os clubes Bangu, do Rio de Janeiro, e Tupi, um time local (ALENCAR 2007). As imagens, mesmo que ainda precárias, com demasiados chuviscos e dificuldades de sintonização, foram recebidas como um sucesso.

De lá para cá, os investimentos, sempre vultuosos, foram necessários não apenas para a popularização do meio, mas também para a viabilização deste enquanto portador de fragmentos representativos culturais e sociais. Temos, em mais de meio século, poucas alterações realmente significativas deste meio de comunicação. Podemos citar, essencialmente, os Vts, ou seja, a possibilidade de gravação do material para posterior edição e veiculação; a transição das transmissões em preto e branco para em cores e, atualmente, a implantação do sistema digital e da transmissão em HDTV. O sistema em alta definição de imagem não é tão novidade assim: desde 1995 já foi implantada nos EUA, com pouca adesão. É importante ressaltar que, desde a inauguração da televisão no Brasil, 22 anos se passaram até o começo das imagens em cores e mais de 35 anos para iniciar a digitalização do sistema (ALENCAR, 2000).

Com cerca de 70 anos de televisão no país, o panorama que vislumbramos atualmente no Brasil refere-se à televisão digital. O tema é, praticamente, obrigatório



em universidades, programas de pós-graduação, veículos dos mais diversos e até mesmo em rodas de bar. Como qualquer novidade, esta implementação passa por discussões que acrescentam luz e trevas ao meio, ao mesmo tempo. Embora a alta definição e o sinal digital sejam, de certa forma, um benefício para a sociedade, os demais itens assegurados pelo decreto, que implanta o sistema digital em nosso país, são percebidos como fundamentais ou um certo tipo de obrigatoriedade nessa nova fase da TV. A chamada interatividade é uma delas.

Mesmo sob críticas, as grandes redes reforçam a questão da alta definição. O motivo das críticas? A aparente e necessária condição de se manter a programação nos moldes já aceitos pelo público da nossa TV generalista sem, assim, dividir a audiência nos subcanais possibilitados pela digitalização do meio. Nos parece uma questão de estratégia comercial, compreensível do ponto de vista empresarial, mas que, do ponto de vista da academia, acaba por subtrair um potencial enorme de possibilidades na geração de conteúdo e da participação, talvez efetiva/ativa, do público: fato este visualizado apenas com a Internet e sua chamada democratização¹¹ do meio.

Todos os principais canais de televisão do Brasil transmitem, atualmente, alguma parte de sua programação em alta definição, mesmo ainda não apresentando elementos interativos novos, possibilitados por dispositivos como o *Set-Top-Box*, um conversor para que o sinal digital seja também apresentado nas TV ainda analógicas. Dentre os canais, destacamos a Rede Globo, principal canal do país e considerada a 4ª maior emissora do mundo. Sua grade ainda não transmite 100% em sistema digital, longe disso: menos da metade de suas afiliadas transmitem sequer o sinal digital. Mesmo assim, a geração da programação já está sendo feita em sistema digital e em alta definição.

Destaque para as transmissões da Copa do Mundo de Futebol, cujas imagens, geradas pela FIFA, são distribuídas aos canais que compram os direitos de transmissão e, por eles, trabalhadas no aspecto a ser veiculado. No caso da Globo, as transmissões foram realizadas em alta definição pela NetHD e pela SkyHD, ambas televisões por assinatura, a cabo e via satélite, respectivamente, nos canais: Globo Brasil e SporTV. Já no sistema aberto terrestre, no qual algumas filiadas da Rede Globo transmitiram em sinal digital, como é o caso de Uberlândia-MG e São Carlos-SP, aquela pequena parcela

¹¹Ressalva do autor: acreditamos ser mais apropriada a utilização de outro termo para descrever o ato participativo/ativo do público, uma vez que o termo raiz “democracia” diz respeito ao Governo de um povo, um regime político, de acordo com o dicionário Aurélio. Disponível em: <http://www.dicionarioaurelio.com/dicionario.php?P=Democracia>. Acesso em: 02/05/2010.



da população, que já atualizou sua sala de estar com novos e modernos aparelhos de LCD, ou LED, com telas no formato 16:9, e não no tradicional 4:3, mais quadrado, conseguiu perceber a diferença na geração do sinal aberto e a eventual duplicidade dos formatos de tela anteriormente citados.

Nesta copa do mundo de 2010, as imagens do campo, feitas pela FIFA, foram geradas em 16:9 em 1080p de resolução, ou seja, na chamada definição full HD, (“qualidade total”, em tradução literal); entretanto, quando se tinha tomadas da cabine de locução, dos locutores esportivos, era comum perceber barras laterais pretas, que adequavam a imagem para o formato 4:3. Essa característica, ausente em canais que já transmitem sua programação em alta definição e em 16:9, marca um período de transição, no qual padrões diferentes ainda funcionam numa espécie de sobrevida. Se vieram para ficar, temos tempo para descobrir.

Entre a TV de 1970 e a de 2010, a única certeza já comprovada, há décadas, é o custo de toda essa mudança. Se a discrepância de preços entre equipamentos em cores e em preto e branco era grande, o que dizer sobre os digitais? Estima-se que deverão ser trocados os equipamentos de cerca de 500 geradoras de sinais televisivos e substituídas cerca de 8 mil antenas retransmissoras, um investimento aproximado de 1,6 bilhão de dólares. Isso apenas para a estrutura da rede, uma vez que as emissoras ainda deverão investir grandes somas em novos estúdios, equipamentos de gravação, de edição; de acordo com estimativas de especialistas, em dez anos de transição da TV analógica para a digital, os investimentos podem alcançar 100 bilhões de dólares (SQUIRRA, 2007, p.23).

E O QUE FALAM AS TVS DE 1970 E A DE 2010?

A grande festa que as nações fazem durante uma copa do mundo reafirma aquele que é o caráter máximo da televisão: a capacidade de transmissão ao vivo, de fluxo contínuo das imagens representadas, a “transmissão direta”. Durante uma partida de futebol, sabemos, pelo sistema desenvolvido de transmissão e geração de imagens, que o fato está acontecendo enquanto vemos à tela e, nesse sentido, temos a questão: importa menos o tamanho ou a qualidade das imagens apresentadas mas sim a contrução e a forma como é feita a representação, ao vivo (e em cores e em alta definição), do próprio instante presente?:



No universo da imagem técnica, só o vídeo pode restituir o presente como presença de fato, pois nele a exibição da imagem pode se dar de forma simultânea com sua própria enunciação. Contrariamente à tecnologia da fotografia e do cinema, a análise da imagem pela câmera e a sua síntese no monitor de vídeo se dão de forma instantânea e simultânea, dispensando todo o processo intermediário (MACHADO, 1995, p. 67).

Esse processo enunciativo, diferentemente dos outros meios que não são capazes da transmissão direta, dá-se no exato momento em que o fato acontece. Ainda para Machado, a tentativa se confunde com o resultado, o ensaio com o produto final:

A disposição das câmeras, seus movimentos sobre dolly ou sobre o próprio eixo, o campo visível recortado pelo quadrado, as aberturas e fechamentos de zoom, a duração de cada tomada, o corte, a substituição de uma tomada por outra e todas as outras decisões necessárias para a construção do enunciado televisual devem ser tomadas já com o programa no ar (MACHADO, 1995, p. 71).

Desta forma, é comum que as câmeras tomem direcionamentos narrativos nem sempre essenciais na constituição da enunciação, uma vez que não se tem domínio sobre o fato em seu instante constitutivo, que se constitui e se valida no instante presente da transmissão. Machado lembra que a perda dos lances mais importantes de uma partida de futebol é um acontecimento mais ou menos comum numa transmissão esportiva direta, problema que poderia ser resolvido com planos de câmera mais abertos.

Mas o que dizer dos lances cujos enquadramentos de câmera, seja geral, seja aberto, não são capazes de captar e nem ao menos são percebidos em determinados momentos? Como esquecer do Roberto Carlos ajeitando sua meia, aos 12 minutos do segundo tempo, na partida entre Brasil e França, na Copa da Alemanha, em 2006? São fatos presentes na narrativa que foram instaurados apenas porque tiveram uma relevância posterior ao instante presente: o gol francês, ganhando significações diferentes após um outro fato. Seja colorida, seja em alta definição, o texto narrativo prioriza e concatena tomadas não apenas pela transmissão direta, mas também pelas consequências de atos concomitantes ao enunciado até então não representados e sequer citados na narrativa ao vivo, constituídos pelos fatos subseqüentes aos que lhe deram origem. Para isso, eles são codificados não apenas instantaneamente, mas quase, dentro de um sistema simbólico com o objetivo de buscar a interpretação de um determinado telespectador: o caso do Roberto Carlos soa necessário, e assim presente na narrativa para nós, brasileiros, pois fomos prejudicados em uma copa do mundo. Apenas por isso



ele é trabalhado de forma a nos reapresentar um fato autenticado pela sua consequência, não pela sua fruição: se a bola tivesse saído para escanteio, certamente, nada se teria falado sobre a meia do jogador.

Nos anos que beiraram a década de 70, as inovações que enfrentou a TV definiram um modelo, uma maneira de se “fazer televisão” que perduraria como grandes e inovadores aperfeiçoamentos pelos próximos 40 anos. Lembramos que, se hoje o desafio é atualizar os equipamentos, nas décadas de 60 e 70, muitas vezes, o desafio era ter equipamentos, ou improvisar com os que existiam e eram disponíveis. A primeira emissora brasileira a ir ao ar, a TV Tupi, começou sua programação com duas das três câmeras que possuía, no improviso, após a “quebra”, conforme a lenda, de um dos equipamentos por Assis Chateaubriant que o inaugurou quebrando uma garrafa de champanhe na lente da câmera. Todo o ensaio com três câmeras teve de ser readaptado para o trabalho com duas (LORÊDO, 2000, pág. 3). Todas as demais emissoras que, uma a uma foram ganhando vida em nosso país passou pelo mesmo problema com equipamentos: o alto custo de importação e a criação de uma programação diária com os poucos adquiridos, mesmo que transmitida em apenas alguns horários.

Do início da TV no Brasil até uma das grandes e fundamentais inovações que deram, ao dispositivo televisivo, a linguagem que se tem atualmente, não passou mais de 10 anos: em 1961 o primeiro *link* da tv ligou Brasília ao centro-oeste, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo, transmitindo a inauguração de Brasília. Em um tempo no qual não havia satélites, nem sistema nacional de radiodifusão, a empreitada para a transmissão do sinal de TV por longos Estados deu-se graças à iniciativa particular, com postos de retransmissão de microondas de montanha até montanha, com equipes abrigadas em barracas de lona a abastecidas por avião, em condições que, muitas vezes, além de terem salários atrasados, passavam fome e frio (LORÊDO, 2000, pág. 70). O início das transmissões por *links* deram à tv a mobilidade e instantaneidade que hoje leva imagens em transmissão direta à todos os aparelhos de, praticamente, qualquer lugar do mundo.

Na mesma década, outro importante avanço foi introduzido no sistema de televisão: o videotape, máquinas enormes, de difícil e pericial manipulação, cuja finalidade era a gravação de programas para posterior veiculação. Tal recurso, muito utilizado atualmente, é responsável por programas inteiros que vão ao ar. Também graças a ele, programas esportivos podem veicular *replays* e mais *replays*, de todos os



ângulos imagináveis. O recurso de reexibição de imagens, até mesmo na chamada câmera lenta, é uma das aplicações narrativas mais utilizadas nas transmissões dos eventos esportivos, e isso mais de 40 anos depois da implantação deste equipamento na televisão brasileira. Se antes a narrativa linear de uma partida, ao vivo, de futebol era entrecortada pelo campo/contracampo das câmeras presentes, intercalando imagens em *closes*, *supercloses* ou planos abertos, sem a possibilidade instantânea de rever determinada ação, hoje, tais ângulos são exibidos não apenas na linearidade da ação, mas também na construção de uma narrativa pela quebra do tempo linear, definida pelo enunciador com recursos que visam a explicar melhor o desenrolar dentro do campo, construindo um texto com riqueza de detalhamento ao longo da transmissão.

Depois da década de 70, com a introdução dos recursos que já falamos, inclusive o sistema em cores da televisão brasileira, o panorama das inovações tecnológicas e sua influência na construção de novas narrativas e linguagens para o meio foi, apenas recentemente, novamente tremulado. A introdução, na década de 2010, do sistema digital trouxe uma gama de possibilidades que podem ou não alterar o sistema *broadcasting* que a televisão construiu nesses anos todos.

Já entre as principais inovações técnicas popularizadas nesta década de 2010, destacam-se a modulação digital do sinal e sua gradativa melhora na qualidade de áudio e imagem; a mobilidade, que permite o desenvolvimento de aplicações de TV embarcadas; a melhor e maior definição de imagem HDTV, que agora é gerada a partir de sinais digitais e reproduzidas pelo seu elemento menor de composição, que é o pixel, e não pelo elétron, até então suporte da imagem analógica; a portabilidade, que permite a sintonia do sinal digital em aparelhos portáteis (ZUFO, 2003)¹². Grande parte dessas inovações são implementações geradas a partir de quatro propostas internacionais de digitalização, são elas: O padrão ATSC-T (Advanced Television Systems Committee) Norte Americano, o Padrão DVB-T (Digital Video Broadcasting) Europeu, o Padrão ISDB-T (Integrated Services Digital Broadcasting) Japonês e o padrão Chinês, um misto dos demais.

CONCLUSÃO

Conforme vimos neste breve panorama sobre duas extremidades da televisão brasileira, as décadas de 1970 e de 2010, muita coisa mudou e aponta para mudanças

¹²Disponível em: <Disponível em: <http://www.lsi.usp.br/interativos/nem/tv_digital.pdf> Acesso em: 01/06/2010>. Acesso em: 10/07/2010.



ainda sequer planejadas. Enquanto as grandes empresas tentam manter sua hegemonia frente ao sistema *broadcasting* nacional, o governo lança consórcios, parcerias e estudos que visam a trabalhar por uma televisão ainda a ser transmitida. Falar em televisão digital é falar em vários temas e assuntos presentes naquilo que define o sistema, questões estas delicadas e que estabelecem não apenas novos parâmetros tecnológicos, mas também potencialidades de inovações nas narrativas e nas construções de linguagens ainda desconhecidas ou não experimentadas. O mais provável é que a lógica, tanto comercial quanto de conteúdos produzidos, responda à tecnologia na medida em que esta é forçada pelo público a novas implantações, assim como vimos acontecer com a Internet. O aperfeiçoamento da rede de redes mundial de computadores se deu não apenas em função do lucro de grandes e emergentes empresas, mas também na resposta direta e imediata do público, via sistemas que possibilitaram participação, mesmo que limitada, e visibilidade, mesmo que restrita à comunidades e grupos locais/globais. Tais respostas baseiam-se na capacidade de ver-se projetado em um meio diferente, com uma identidade construída, mas presente no meio e em constante exposição pública.

Citamos dois elementos essenciais da implantação da televisão digital brasileira como os mais comentados atualmente: os elementos da interatividade e alta definição. Falar de interatividade e democratização, acessibilidade a sistemas governamentais via *software* verde-amarelo é admitir que a televisão pode suplantar em serviços a Internet, por exemplo, que há mais de 20 anos promove graus de interação muito mais avançados que diversos dos principais meio de comunicação. Mesmo com mais de duas décadas de interatividade, apenas há pouco tempo se tem, no Brasil, sistemas públicos que oferecem aos cidadãos determinados benefícios diretos. Imaginar que com a televisão isso pode ser diferente é, no mínimo, uma tentativa de suplantar uma tecnologia já barateada por outra em plena implantação, com custos elevados e sucesso ainda incerto.

Foi preciso 40 anos, desde a transmissão por *link*, o videotape e as transmissões, ao vivo, e em cores, para que uma nova e emergente tecnologia fosse introduzida na radiodifusão. Porque tanto tempo se passou antes destes aprimoramentos que vemos agora? Mesmo algumas importantes implantações, como a transmissão via satélite e fibra óptica, deve-se não às transmissões midiáticas, mas ao aperfeiçoamento na área de computação e informática, no desenvolvimento de novas tecnologias de informação, com máquinas de grande capacidade de processamento digital. Esta área ganhou



mercado, ganhou uma bolsa de valores própria, a Nasdaq, enquanto a rede de transmissão televisiva lutava e armazenava mercado em suas grades de programação *broadcasting*. A televisão generalista, em especial a brasileira, pouco se importou com a transmissão de novos canais segmentados (em maioria mundial pagos), a não ser pela ameaça frente aos cativos telespectadores.

Talvez, nesses 40 anos, os canais pagos e a alteração da tradicional grade dos sistemas abertos, tenha sido o capital acumulado mais importante, que apenas agora, no SBTVD, vemos projetada uma possibilidade de programação diferenciada, com públicos segmentados mas, talvez, com maior qualidade e benefícios para os distintos segmentos. Outra inovação para a televisão é a capacidade de comunicação ativa entre computadores através de uma enorme rede de telecomunicação, a chamada convergência digital, o que possibilita inúmeros novos sistemas, tanto mercadológicos quanto de fluxo e programação. A única garantia, por hora, será assistir às mudanças que vem por ai em alta definição.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M. S. **Televisão Digital**. São Paulo: Ed. Érica, 2007.
- BOLAÑO, C. R. S; BRITTOS, V. C. **A televisão brasileira na era digital**. São Paulo: Paulus, 2007.
- CARDOSO, J. B. **A Semiótica do cenário televisivo**. São Paulo: Ed. Annablume, Fapesp, USCS – Universidade de São Caetano do Sul, 2008.
- KERCKHOVE, Derick de. **A pele da Cultura**. São Paulo. Ed. Aleph, 1997.
- LORÊDO, J. **Era uma vez... a televisão**. São Paulo:Alegro, 2000.
- MACHADO, A. **Arte do vídeo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.
- MUNIZ, S. **A máquina de narciso**. São Paulo: Ed. Cortez, 1994.
- SQUIRRA, S; FECHINE, Y. (orgs). **Televisão digital: desafios para a comunicação**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.
- UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. **TV Digital Interativa**. São Paulo: Ed. Metodista, 2007.
- WOLTON, D. **Elogio do grande público**. Coimbra: Edições ASA, 1994.